

PARTICIPAÇÃO INFANTIL NO COTIDIANO DE UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA: APRENDENDO COM OS LÍDERES

Child participation in the daily life of a quilombola community: learning from the leaders

VIVIANE MARINHO LUIZ

Mestre em Educação

Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP

vianeluz@yahoo.com.br

RESUMO: O presente artigo consiste na narrativa da particularidade histórica da comunidade quilombola Ivaporunduva, localizada na região do Vale do Ribeira, entre os estados de São Paulo e Paraná, no Brasil. É a partir dos enunciados das gerações que vivem nessa comunidade que buscamos compreender de que modo elas significam sua história e a história de seu povo. A metodologia adotada, de cunho etnográfico, foi a de acompanhar o cotidiano da comunidade, compreendendo seu processo educativo a partir da educação difusa, bem como da análise dos enunciados dos pequenos quilombolas de Ivaporunduva, suas crianças, estabelecendo relações entre seus enunciados e o processo educativo desenvolvido por seus membros adultos. No Quilombo de Ivaporunduva, a história cultural está fundamentada na tradição oral, que ocorre nas interações intra e entre famílias e com as comunidades quilombolas irmãs. Para os quilombolas de Ivaporunduva, mas não somente para eles, a territorialidade representa o *locus* de reprodução da vida em seus aspectos material e imaterial. A terra é como uma mãe que acolhe, dá o sustento e propicia a reprodução da vida. Apresentam a terra como sujeito histórico, social e político, refutando seu assujeitamento. **PALAVRAS-CHAVE:** identidade quilombola. atores sociais. narrativas infantis.

ABSTRACT: This paper is a narrative of the historical particularity of the Ivaporunduva quilombola community, located in the Vale do Ribeira region between the States of São Paulo and Paraná, Brazil. Starting from the stories of the generations that live in this community that we sought to understand how they signify their history and the history of their people. The adopted methodology, of an ethnographic approach, was to follow the daily life of the community, understanding their educational process through a diffuse process, as well by the analysis of the talk of the young Ivaporunduva quilombola, their children, establishing correlations between their utterances and the educational process implemented by the adult members. In the Ivaporunduva quilombo, the cultural history is based on oral tradition, which occurs in the interactions within and between families and with sister quilombola communities. For the Ivaporunduva quilombola, but not only for them, territoriality represents the *locus* for the reproduction of life in its material and non material aspects. The

earth is like a mother who welcomes, gives support and provides for the reproduction of life. They present the land as a historical, social and political subject that rejects its subjectification.

KEYWORDS: quilombola identity, social actors, children's stories.

INTRODUÇÃO

As questões levantadas dizem respeito à história e à dinâmica social da comunidade quilombo Ivaporunduva, buscando compreender, por meio dos enunciados de suas crianças, como elas significam sua história e a história de seu povo, bem como são significados seus conhecimentos pelos narradores adultos da comunidade.

O problema consiste na compreensão das seguintes questões: 1. O que sabem as crianças da comunidade quilombo Ivaporunduva sobre a história deste quilombo? 2. Quem lhes contou/conta a história que narram? 3. Como significam sua história e a história de seu povo? 4. Como são significados seus conhecimentos pelos narradores adultos da comunidade?

A escolha pelas crianças justifica-se por dois fundamentos: **a)** nas condições concretas da vida da comunidade: a preocupação da liderança local no sentido de fortalecimento dos mais jovens para a continuidade da luta pela garantia do território. **b)** fundamento metodológico: no quilombo Ivaporunduva vive um número significativo de crianças, sendo que 25% do total de moradores são menores que 12 anos.

DESENVOLVIMENTO

Os autores (as) que constituem o aporte teórico da pesquisa são de áreas que se inter-relacionam. O caminho que percorro é o do materialismo histórico e dialético desenvolvido por Marx e Engels, dando relevância à História atrelada às histórias particulares, considerando que a relação indivíduo e sociedade não é dicotômica, mas indissociável.

A macro história e a micro história se inter-relacionam, constituem o ser social e seus diversos modos de organização social. Nesse sentido, os autores supracitados enunciam que:

Um primeiro pressuposto de toda existência humana e, portanto, de toda história [...] [é] que os homens devem estar em condições de poder viver a fim de “fazer a história”. Mas, para viver, é necessário, antes de mais nada, beber, comer, ter um teto onde se abrigar, vestir-se etc. O primeiro fato histórico é, pois, a produção dos meios que permitem satisfazer essas necessidades, a produção da própria vida material; trata-se de um fato histórico; de uma condição fundamental de toda a história, que é necessário, tanto hoje como há milhares de anos, executar, dia a dia, hora a hora, a fim de manter os homens vivos. (MARX; ENGELS, 1984, p. 33).

O método que assumo me ajuda a compreender o movimento que foi necessário, sem que tais modificações sejam consideradas erros ou equívocos teóricos. As condições de contradição são, em si mesmas, partes constitutivas dos resultados, ensina o antropólogo Silva (2000).

A metodologia adotada para o desenvolvimento da pesquisa foi acompanhar o cotidiano da vida em comunidade, observando, conversando, fotografando, entrevistando, registrando e videogravando o que fazem e dizem, em uma atitude que pretende ser de quem lá está, mas de lá não é.

Estar com a comunidade aproxima esta pesquisa da etnografia – tanto em referência à forma de proceder na pesquisa de campo, como ao produto final dela, como nos explicam Ezpeleta e Rockwel (1989, p.32): “algo que se articula com método e teoria, mas que não esgota os problemas nem de uma nem de outro”. As autoras ensinam que “a etnografia domina também um ramo da antropologia: aquele que acumula conhecimentos sobre realidades sociais e culturais peculiares, delimitadas no tempo e no espaço”. (Idem, p.33).

Segundo a abordagem enunciativo-discursiva proposta por Bakhtin, a palavra se configura como uma arena de luta de classes, de confrontos de valores sociais contraditórios e antagônicos. Assim sendo, não será monovalente, mas plurivocal. Trazer os discursos das crianças e dos adultos da comunidade quilombola é dar certa visibilidade aos confrontos sociais que, no caso do quilombo de Ivaoporunduva, referem-se aos que são vividos nas suas condições concretas de vida.

[...] A classe dominante tende a conferir ao signo ideológico um caráter intangível e acima das diferenças de classe, a fim de abafar ou de ocultar a luta dos índices sociais de valor que aí se trava, a fim de tornar o signo monovalente. (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1992, p.46-47).

As comunidades de quilombos caracterizam-se pelo forte vínculo com o meio ambiente que ocupam, onde geralmente se verifica alto grau de preservação dos ecossistemas naturais. São comunidades cujas famílias sobrevivem da agricultura e do extrativismo florestal.

A origem dos quilombos está associada às formas de resistência da população negra, confrontando-se com o escravismo por meio das várias formas de resistência, tais como homicídios, rebeliões, fugas para as matas e organização de quilombos como forma de reencontrar a sua condição humana.

A quilombagem foi um movimento de rebeldia permanente organizado e dirigido pelos próprios escravos [...]. Entendemos [...] por quilombagem uma constelação de movimentos de protesto do escravo, tendo como centro organizacional o quilombo, do qual partiam ou para ele convergiam e se aliavam às demais formas de rebeldia [...]. O quilombo aparece, assim, como aquele módulo de resistência mais representativo (quer pela sua quantidade, quer pela sua continuidade histórica) que existiu. (MOURA, 1992, p.23).

Hoje, os quilombolas ainda permanecem e resistem – não mais ao escravismo – mas à expropriação de suas terras. É por meio do trabalho que o homem transforma a natureza, transformando-se a si próprio e produzindo sua vida, tanto no aspecto material como imaterial: constitui-se como ser social, sem *estranhamento*, do seu trabalho (ANTUNES, 1995). E para os quilombolas, a terra é o suporte do trabalho.

Ivaporunduva tem sua origem no século XVII, pela ocupação de mineradores, e existia bem antes da lei Áurea, quando a dona das terras, Maria Joana – uma portuguesa sem familiares no Brasil –, faleceu¹, deixando as terras para a igreja, “terra de santa”, e um grupo de negros escravizados lá permaneceu, onde estão até hoje seus descendentes e outros que mais tarde se juntaram ao grupo.

A memória separa a liberdade da *servidão*, reafirmando a condição autônoma dos antepassados, estando as relações escravistas dissociadas dos principais troncos familiares ainda residentes nos bairros. (ITESP, 2000, p.73).

Os principais troncos familiares dos primeiros moradores de Ivaporunduva foram: Furquim, Pupo, Marinho, Meira, Vieira, Pedroso, Moraes, Araújo, Machado, Pereira, Santos, Costa e Silva.

Ivaporunduva possui uma área oficial de 2.754,36 hectares. As formas de uso da terra, com exceção daquelas relativas à cobertura vegetal natural, são: as pastagens, os bananais (orgânicos e convencionais), as áreas de repovoamento do palmito Juçara e as roças de coivara.

Os quilombolas são os donos coletivos dos meios de produção, e a terra é o seu maior meio de produção. Hoje lutam por melhorias no comércio de seus produtos, tanto no aspecto qualitativo como no que se refere à viabilidade do escoamento.

Pelo trabalho, ao transformar a natureza, a humanidade cria novas possibilidades e necessidades objetivas. Isto significa que são as novas condições de existência objetivas que determinarão o desenvolvimento da consciência. Marx, portanto, com a descoberta do trabalho enquanto a categoria fundante do ser social, supera o idealismo de Hegel ao mesmo tempo que mantém a sua mais genial descoberta: a história é um processo feito pelos homens. (LESSA; TONET, 2008, p.37).

É antiga a pressão exercida sobre estas comunidades quilombolas da região do Vale do Ribeira de Iguape para o uso ou liberação de seus territórios, que cobrem cerca de 25.000 hectares reivindicados.

Ameaças reiteradas a serem consideradas como elementos desestruturantes da vida nestas comunidades são as tentativas de implantação dos projetos de construção de usinas hidrelétricas. Primeiro, pela Companhia Energética do Estado de São Paulo (CEESP) que, já na década de 1950, fez estudos para construção, ao longo do leito do Rio Ribeira, das

¹ Segundo relatos dos moradores, Maria Joana foi para Portugal em tratamento médico e não retornou.

Barragens Itaóca, Funil e Batatal e, mais recentemente, a do Tijuco Alto, pretendida pela Companhia Brasileira de Alumínio (CBA)² do Grupo Votorantim, pertencente às gerações subsequentes da família Ermírio de Moraes, aliada a uma base de executivos.

Segue depoimento de Benedito Alves, líder quilombola de Ivaoporunduva conhecido como Ditão:³

Dentro do nosso quilombo, nós temos marcos históricos: uma igrejinha e um cemitério construídos pelos escravos. Tem gente grande de olho nas nossas terras. Principalmente o empresário Antônio Ermírio de Moraes. Então, a nossa maior preocupação, hoje, é a titulação das terras.

Benedito Alves da Silva, Comunidade Negra de Ivaoporunduva, Eldorado (SP), 2011.

As crianças escutam o que diz Ditão. Vivem com ele na comunidade. Outros líderes são formados politicamente desde bem cedo. São todos muito próximos, tanto por delimitação do espaço quanto pelos laços familiares e de convivência nos mesmos espaços que os adultos: a igreja, a praça, o bar, a roça, a recepção dos visitantes, a chegada de representantes do governo. Ouvem o que dizem e vão se apropriando do lugar social de onde dizem. Não se familiarizando com as palavras que ganham sempre novos significados.

A Constituição Federal de 1988, em seu artigo Art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, garante aos quilombolas o direito à emissão dos títulos de suas terras. Baseados na lei lutam pela emissão dos títulos definitivos de suas terras, mas, para tal, os quilombolas de Ivaoporunduva precisaram seguir os trâmites legais no cumprimento das exigências necessárias para serem primeiramente reconhecidos como comunidade remanescente de quilombo e, em um segundo momento, obterem o título de suas terras registradas em cartório, através de um longo processo que vai desde a contratação de topógrafo até a realização de levantamento de documentação histórica para legitimá-los como remanescentes de quilombos. Mas todo esse processo, que engloba participação local e um conjunto de ações e articulação política de organizações sociais diversas, poderá ser negligenciado ou se tornar insuficiente.

Até mesmo a lei federal pode ser desrespeitada quando no confronto de interesses da classe econômica dominante ou, como diz Ditão, quando se trata do interesse de “gente

2 A Usina Hidrelétrica de Tijuco Alto (UHE Tijuco Alto) é um empreendimento planejado pela Companhia Brasileira de Alumínio (CBA), uma das empresas do Grupo Votorantim, para aumentar a oferta de energia elétrica para seu complexo metalúrgico localizado na cidade de Alumínio, antiga Mairinque, no interior de São Paulo. A localização da UHE Tijuco Alto está prevista para o alto curso do rio Ribeira de Iguape, na divisa dos Estados de São Paulo e Paraná, cerca de 10 quilômetros a montante da cidade de Ribeira (SP) e Adrianópolis (PR), e a aproximadamente 333 km de sua foz, no complexo Estuarino-Lagunar de Iguape-Cananeia-Paranaguá. (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2011).

3 Benedito Alves é Vice-Presidente do Comitê de Bacia Geográfica do Rio Ribeira de Iguape e Presidente da Equipe de Articulação e Assessoria das Comunidades Negras do Vale do Ribeira (EAACONE). Ele e seu compadre José Rodrigues da Silva (conhecido como Zé Rodrigues e Zé Preto) são reconhecidamente lideranças quilombolas engajadas na luta por direitos sociais das comunidades negras rurais desde a década de 1970, e desde a década de 1980 pelos direitos dos quilombos. José Rodrigues da Silva foi eleito vereador do município de Eldorado em 2008 e não foi reeleito em 2012.

grande”: “Tem gente grande de olho nas nossas terras. Principalmente o empresário Antônio Ermírio de Moraes.” Ditão fala do empresário⁴, mas podemos perguntar com Chauí:

História dos “grandes homens”, dos “grandes feitos”, das “grandes descobertas” dos “grandes progressos”, a ideologia nunca nos diz o que são esses “grandes”. Grandes em quê? Grandes por quê? Grandes em relação a quê? No entanto, o saber histórico nos dirá que esses “grandes”, agentes da história e do progresso, são os “grandes” e “poderosos”, isto é, os dominantes, cuja “grandeza” depende sempre da exploração e dominação. (CHAUÍ. 1982, p.43).

Não me pareceu acertado abordar os aspectos intergeracionais dos enunciados das crianças sem que, antes, o leitor pudesse partilhar de alguns acontecimentos e concepções da vida comunitária que são: a relação entre o quilombola e a territorialidade; a religião e os festejos; a preocupação com a formação de novos líderes; os modos de viver quilombolas em contradição aos modos da sociabilidade capitalista.

Os quilombolas, tanto de Ivaporunduva como de outros quilombos, ao reportarem-se à relação que possuem com a terra, dizem que ela é a *mãe que acolhe*. Conversando sobre isso, Ditão aponta o local em que sua mãe enterrou seu umbigo quando ele nasceu, e reforça que, “assim como não vendemos a nossa mãe”, a terra é inegociável. Apresenta-nos o quilombo como o território da existência, morada da vida e da morte.

Diz ele, na palestra realizada ao receber, na comunidade, um grupo de alunos, professores e a coordenadora do curso de Pedagogia de uma faculdade do estado de São Paulo:

Eu não sei assim os negro que moram na zona urbana, né, que tá na cidade, como tem essa consciência da terra, né, mais a terra, sabe, pros negro dos quilombo, com raiz ali, que ficaram ali, aquela questão de seu pai, da sua mãe, dos seus avôs, eles vê a terra sabe... como uma mãe, se apegam à terra como uma mãe, respeita a terra como respeita uma mãe, porque que eles pensa assim? Porque o seu antepassado fala assim: - Meu filho, meu neto, olha! A terra, desde o começo do mundo, tudo que nós temos vem dela, tudo... calçado, roupa, certo,... alimentação, isto aqui, vem da terra, o ar que a gente respira, então, e no fim da nossa vida ela recolhe nosso corpo, ela acomoda lá dentro, tendo sorte de não morrer numa área que o bicho come, mesmo que morrer dentro do mato, a terra

4 Aqui não é o caso de personificar o empresário Antônio Ermírio de Moraes como “o inimigo” dos quilombolas, mas de trazer a luta deste grupo social contra a expropriação de suas terras. Conforme João Pedro Stédile, coordenador nacional do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), a bancada ruralista e o setor de agronegócios têm sido os maiores opositores da agricultura familiar, e acrescento que, consequentemente, dos direitos quilombolas, pois se opõem ao modo de subsistência característico destas comunidades rurais. Segundo Stédile, a ofensiva do capital internacional tem comprado terras, usinas, bem como os recursos naturais brasileiros. Daí segue o fato de representantes destes setores oporem-se à titulação de terras quilombolas, pois uma vez tituladas como terras coletivas, saem do campo da especulação imobiliária e não podem ser comercializadas, tampouco podem gerar riqueza aos capitalistas de plantão. Trazer o MST representa enunciar a luta política dos movimentos sociais organizados, bem como a articulação desses movimentos que brigam por reforma agrária e, consequentemente, por distribuição de terra e renda às massas populares; e os quilombolas são solidários a essa luta.

vai absorvê o seu corpo, então a terra pode ser amada como mãe, né, e quem que não respeita a mãe, né? Quem que na questão de comercialização, quem que vai vendê a sua própria mãe? Então, o quilombola, ele pensa desse jeito sabe... que na terra de quilombo não pode tê loteamento, não pode pensá em comércio, porque nós temo que garanti o futuro das gerações vindoura no território, que são nossos filho, nossos neto, daí por diante, né. O nosso antepassado, os escravo, garantiram pra tarmos aqui hoje, quem que primeiro deu a cara a tapa, que morreu no meio do mato por falta de remédio, da onde ele veio, da África, é a mesma Mata Atlântica que tem aqui? É a mesma planta medicinal que tem aqui? Como é que vivia, como é que ele se curava? Como é que fazia as suas armadilha pra caçá animal pra comê, as suas invenção, né [...]. Então isso aí, foi um aprendizado, que tiveram que aprendê na marra, aqui dentro, tavam numa terra desconhecida, estranha, atravessaram o oceano, entendeu? Então eles aprenderam a valorizá a terra, porque é de lá que veio, é de lá que veio tudo, tudo, tudo, aí vou pegá a minha terra, vou vendê, vou fazê o que na cidade? É complicado isso aí... (DITÃO. Liderança quilombola em Palestra realizada em 24 de junho de 2010, no Quilombo de Ivaporunduva).

As palavras de Ditão revelam os significados atribuídos pelos quilombolas ao território como lócus da reprodução material e imaterial da vida; significados vinculados às peculiaridades dos modos de viver quilombola, apontando semelhanças com o modo tradicional de pensar do africano segundo o qual tudo no universo se interliga.

Nessa ótica, é impensável qualquer dissociação entre a pessoa humana e o mundo natural, uma noção abrangente que inclui a totalidade da criação: animais, vegetais e minerais. Coerentemente, mantinham-se com o espaço habitado relações de reciprocidade e de harmonia. Nessa cosmovisão, o equilíbrio com o meio ambiente não podia ser violado sob a pena de provocar, no seio das forças que sustentam a natureza, uma perturbação que se voltaria, no final das contas, contra os próprios humanos.

A sociedade tradicional africana é portadora de um conhecimento relacionado a práticas assertivas inseparáveis da sabedoria ancestral. Muitas das supostas “crendices” das sociedades tradicionais africanas possuem – visto serem resultantes de um conhecimento empírico que não pode ser desprezado enquanto forma de saber sistematizado – eficácia real. Nesta aferição se enquadraria o levantamento tradicional do poder curativo das plantas e de outros elementos do meio natural. Outro exemplo seriam os procedimentos seletivos e as interdições quanto à exploração do meio ambiente. (SERRANO, 2007, p.138).

As africanidades brasileiras se expressam: na relação com o meio ambiente; nas relações sociais estabelecidas; na articulação política organizada para garantir o território; nas ações grupais e coletivas que caracterizam a vida da comunidade em seus modos de exprimir a religião, a diversão, o trabalho e formas de trabalho associados a processos coletivos.

Estudar as Africanidades Brasileiras significa tomar conhecimento, observar, analisar um jeito peculiar de ver a vida, o mundo, o trabalho, de conviver e

de lutar pela dignidade própria, bem como pela de todos os descendentes de africanos, mais ainda de todos que a sociedade marginaliza. Significa também conhecer e compreender os trabalhos e criatividade dos africanos e de seus descendentes no Brasil, e de situar tais produções na construção da nação brasileira. (SILVA, 2001, p.152-153).

RELIGIÃO E DIVERSÃO SÃO “FESTEJAMENTOS”

Tanto na forma de exercerem a religião como na forma de se divertirem – que estão entrelaçadas –, a coletividade é presente entre os quilombolas de Ivaporunduva.

A religião preponderante é a católica, com adaptações da religiosidade afro. Uma senhora da comunidade, Dona Beneditinha, Benedita Marinho, 90 anos, e o senhor Dário são as pessoas que sabem fazer a reza do responso⁵. Preservam a utilização de garrafadas, benzimentos e das ervas como meios de curas. Quando celebram as festas dos santos – São Pedro, Santo Antônio e São João –, que duram dois dias cada uma, organizam-se em grupos de *festeiros*. Os *festeiros* são membros da comunidade que se comprometem com a organização da festa. Providenciam com as famílias os comes e bebes que serão partilhados no final, que podem ser pipoca, quentão e chá quente para as crianças; compram rojões (fogos de artifício) para serem soltos lembrando os fiéis da alegria desses dias; enfeitam a igreja, a praça e os mastros. As festas religiosas (juninas) geralmente finalizam com um café comunitário e partilha de alimentos e frutos da terra: mandioca, cuscuz, biju⁶, pressada⁷, batata-doce, inhame, cará, sabaqui⁸, pipoca, bolos e pães caseiros.

Por meio da participação das crianças nas atividades desenvolvidas nos diferentes espaços de sociabilidade da vida comunitária, é possível verificar como as questões relacionadas à luta por territorialidade e direitos sociais são colocadas, abordadas e consequentemente apreendidas por elas, mostrando o eficiente método de socialização incluso no ideal pedagógico, visto que a educação escolar é incentivada pelos membros mais velhos, porém a educação não está confiada apenas à instituição escolar, mas a uma vigilância difusa de toda a comunidade. Nesse sentido, o ideal pedagógico se destaca nas práticas institucionalizadas, o que se pode notar no discurso dos pequenos quilombolas de Ivaporunduva, que dão corpo à bandeira da luta quilombola contra a expropriação de suas terras, situação antiga e concreta de enfrentamento das comunidades tradicionais da região do Vale do Ribeira.

Em conversas e entrevistas com crianças quilombolas de Ivaporunduva, é notório que repercutem gritos dos líderes da comunidade, porém, não se trata de repetição, mas de uma apropriação dos conteúdos sociais em prol da vida de sua comunidade. Trago fragmentos das entrevistas realizadas com algumas crianças de Ivaporunduva:

- 5 Consiste de uma oração feita por uma pessoa dotada de dom. O orador realiza a oração a favor de alguém que tenha perdido algum objeto. Após a realização da reza, é só aguardar os dias determinados pelo orador que o objeto aparece novamente. Ultimamente apenas o senhor Dário faz a reza por conta da idade avançada e debilidade física (encontra-se acamada) de dona Beneditinha.
- 6 Biju ou beju é um alimento assado à base de goma da tapioca ou da farinha de mandioca, enrolado na folha da bananeira.
- 7 Alimento típico, feito um bolo, à base de farinha de mandioca.
- 8 Alimento típico feito à base de arroz socado.

FERNANDA, SEIS ANOS, MORADORA DA VILA, JUNTO AOS AVÓS E SUA TIA

Fernanda mora com os avós – Benedito Alves (Ditão) e Dona Zilda. Suas palavras “não soam como um eco desencarnado, simples repetição mecânica” (CIAMPA, 1987, p.111), pelo contrário, apontam suas memórias e peculiaridades de vida. Nascida em 2004, fala sobre a enchente de 1997 sem tê-la vivenciado. “A enchente foi lá no fundo de casa lá (...) sortaro a barrage”.

Nesse sentido, Hobsbawm nos ajuda a pensar:

Todo ser humano tem consciência do passado (definido como o período imediatamente anterior aos eventos registrados na memória de um indivíduo) em virtude de viver com pessoas mais velhas. [...] Ser membro de uma comunidade humana é situar-se em relação ao seu passado (ou da comunidade), ainda que apenas para rejeitá-lo. O passado é, portanto, uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana. (HOBSBAWN, 1998, p.22).

O que sabe Fernanda sobre a história de Ivaporunduva? Quais as pistas de que seu aprendizado foi com os mais velhos da comunidade?

Maurice Halbwachs, estudioso das relações entre memória e história pública – e autor de uma interpretação social da memória, tratando-a como fenômeno social – amarra a memória da pessoa à memória do grupo; e esta última à esfera maior da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade. (HALBWACHS apud BOSI, 1994, p.55). A interpretação social da memória traz contribuições na análise dos enunciados das crianças que re-fracam os aspectos enraizados na memória coletiva de sua região e grupo social de origem.

Sobre a barragem Fernanda diz:

Viviane: *Você acha que a barragem é coisa boa?*

Fernanda: *Não é bom.*

Viviane: *Por que não é bom?*

Fernanda: *Por causa que afunda tudo a casa dos outro.*

Sobre a origem do Quilombo:

Viviane: *Fernanda, fala para mim quem chegou aqui no quilombo primeiro?*

Fernanda: *Os escravo.*

Viviane: *E quem trouxe eles? Eles vieram sozinhos?*

Fernanda: *Eles vieram sozinhos.*

Viviane: *Você sabe alguma coisa da Maria Joana?*

Fernanda: *A Maria Joana mandava os escravo i... é... ele... ela... a Maria Joana, ela, ela metia o chicote nos escravo pra os escravo i achá oro pra ela aí o escravo não queria dá o oru pra Maria Joana.⁹*

9 Fernanda e outras crianças da comunidade relataram-me que o ouro achado foi enterrado e/ou escondido na igreja.

Viviane: *E o que eles fizeram com o ouro?*

Fernanda: *Eles esconderam pra eles e falaram pra Maria Joana que não acharam.*

Sobre a condição de moradora do quilombo:

Viviane: *Você gosta de morar no quilombo?*

Fernanda: *Gosto.*

Viviane: *Por que você gosta?*

Fernanda: *Porque é bom, a gente se diverte muito. Brinca. Tem família.*

VALDIR, NOVE ANOS, MORADOR DO CÓRREGO GRANDE JUNTO A SEUS PAIS, A BISAVÓ E SUAS DUAS IRMÃS MAIS VELHAS

Viviane: *Você é quilombola, Valdir?*

Valdir: *Sô.*

Viviane: *E por que você é quilombola?*

Valdir: *Porque meus bisavós eram quilombola e meus pais também.*

Viviane: *E por que quilombo é quilombo? O que quilombo tem diferente da cidade?*

Valdir: *Aqui dá pra ouvir os som, o som dos pássaro, é... a gente se diverte muito, é muito legal.*

ÉRIK, NOVE ANOS, MORADOR DA VILA JUNTO A SEUS PAIS E UM IRMÃO MAIS NOVO

Viviane: *E você é quilombola?*

Érik: *Sô.*

Viviane: *E o que você sabe sobre barragem, Érik? Você é favor ou você é contra?*

Érik: *É contra!*

Viviane: *Por quê?*

Érik: *Por que barrage destrói tudo a nossa casa, leva tudo a nossa comida, nosso alimento, leva as coisa da gente.*

Viviane: *E o que é barragem?*

Érik: *Barrage é um negócio qui, de lá... Antonumílio¹⁰ [ele ri] ele, ninguém gosta que ele sórti a barrage se não vai destruí tuda nossa casa.*

Viviane: *E ele sabe disso?*

Érik: *Sabe.*

Viviane: *E ele quer mesmo assim fazer a barragem?*

Érik: *Ele, ele qué sortá a barrage mai ninguém... tudo mundo tá lutano que ele num sóрте.*

Viviane: *Quem que está lutando?*

Érik: *Ué....! Tudo nói da comunidade aqui!*

¹⁰ Refere-se ao empresário Antônio Ermírio de Moraes.

As palavras das crianças quilombolas foram se constituindo nas relações sociais cotidianas, em meio à educação difusa e ao eficiente método de socialização incluso no ideal pedagógico. Não se trata de mera repetição das palavras dos adultos, mas as interpretaram. Apropriando-me dos ensinamentos de Bakhtin (1997), entendo que na medida em que as crianças de Ivaporunduva usam as palavras dos adultos numa situação determinada, com uma intenção discursiva, tais palavras já se impregnam de suas próprias expressividades, são, agora, portanto, palavras suas.

Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar. [...] Os sujeitos não “adquirem” sua língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência. (BAKHTIN, 1981, p. 108).

Parece-nos que a educação difusa, bem como a tradição oral africana, padece de uma incompreensão, pois frequentemente, ao nos depararmos com escritos elucidativos, é notória a prerrogativa de certo esvaziamento didático-pedagógico em suas proposições. Nesse sentido, vale a seguinte elucidação:

Fundada na iniciação e na experiência, a tradição oral conduz o homem à sua totalidade e, em virtude disso, pode-se dizer que contribuiu para criar um tipo de homem particular, para esculpir a alma africana. Uma vez que se liga ao comportamento cotidiano do homem e da comunidade, a “cultura” africana não é, portanto, algo abstrato que possa ser isolado da vida. Ela envolve uma visão particular do mundo, ou, melhor dizendo, uma *presença* particular no mundo – um mundo concebido como um Todo onde todas as coisas se religam e integram. (HAMPATÉ BÂ, 2010, p.168).

A ideia desse artigo é caminhar a contrapelo deste viés e apontar as contribuições que as comunidades tradicionais quilombolas podem suscitar às práticas pedagógicas formais, mediante a eficiência de seu método de socialização decorrente da não dicotomia entre viver e aprender. Este é o desafio da escola da atualidade: propor uma articulação entre teoria e prática, aliar o ensino à vida concreta naquilo que é concernente à função da escola, ou seja, permitir aos escolares a apropriação dos conhecimentos sistematizados pela humanidade.

CONCLUSÃO

No Quilombo de Ivaporunduva, a história cultural está fundamentada nas interações intra e entre famílias e comunidades quilombolas irmãs. As conversas com as crianças revelaram que elas conhecem fatos da história do Quilombo Ivaporunduva, sentem-se membros da comunidade, falam do que ouvem de seus membros adultos e não querem a

construção da barragem. Apropriam-se das palavras de seus pais e avós. Falam que querem estudar na cidade, mas que vão voltar. Seus conhecimentos são menos escolarizados e mais constituídos nas relações com os mais velhos e na mediação com os enunciados de luta e organizações sociais pela territorialidade evidenciados na dinâmica social e historicidade quilombola. Tais interações constituem processos educativos associados às africanidades brasileiras e ao eficiente método de socialização proveniente da educação difusa e da tradição oral, sendo esta última explicitada da seguinte forma:

A tradição oral é a grande escala da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos. Pode parecer caótica àqueles que não lhe descortinam o segredo e desconcertar a mentalidade acostumada a separar tudo em categorias bem definidas. Dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados. (HAMPATÉ BÂ, 2010, p.168).

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** 3.ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1995.
- BAKHTIN, M. V. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** 6.ed. São Paulo: Hucitec, 1992 .
- BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da Criação Verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1992-2000 .
- BOSI, E. **Memória e sociedade:** lembrança de velhos. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CHAUI, M. **O que é ideologia.** 8.ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- EZPELETA, J; ROCKWELL, E. **Pesquisa participante.** 2. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.
- HAMPATÉ BÂ. A. A tradição viva. In: KI. ZERBO. Joseph. (Org.). **História geral da África I:** metodologia e pré-história da África. 2.ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. 992p.
- HELLER, A. **O cotidiano e a história.** São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- HOBSBAWM, E. J. **Sobre História.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- INSTITUTO DE TERRAS DO ESTADO DE SÃO PAULO (ITESP). **Negros do Ribeira.** São Paulo: Procuradoria da República no Estado de São Paulo/Ministério Público Federal, 2000.
- LESSA, S; TONET, I. **Introdução à filosofia de Marx.** São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã.** Trad. José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. 4.ed. São Paulo: Hucitec, 1984.
- MOURA, C. **Quilombos:** Resistência ao escravismo. 3.ed. São Paulo: Ática, 1992.
- SANTOS, M. **O espaço do cidadão.** São Paulo: EDUSP, 2007.
- SERRANO, C; WALDMAN, M. **Memória D'África:** A temática africana em sala de aula. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, V. G. **O antropólogo e sua Magia:** trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

SILVA, P.B.G. Aprendizagem e Ensino das Africanidades Brasileiras. In: MUNANGA, K. (Org.). **Superando o racismo na escola.** 3.ed. [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2001.

DADOS DA AUTORA:

Viviane Marinho Luiz

Mestre em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (2012) - UNIMEP, com atuação e foco de pesquisa em Educação Infantil e Comunidades Tradicionais Quilombolas. Graduada em Pedagogia pela UNIMEP e Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista Independente. Atualmente é coordenadora do Núcleo de Estudos de Relações Étnico Raciais da Faculdade Fleming - Campinas - Grupo Educacional UNIESP. É docente no curso de Pedagogia e ministra aulas das disciplinas de Educação na Diversidade Cultural, Fundamentos e Práticas do Ensino de Geografia e História, Educação Natureza e Sociedade e Fundamentos e Metodologia da Alfabetização. É docente no curso de Letras e ministra aulas da disciplina Fundamentos de Didática na mesma instituição. Tem realizado palestras sobre Educação Quilombola, Formação de Professores para o tratamento da Educação das Relações Étnico Raciais e sobre o tema Cabelo e Identidade de Resistência. É coautora de “Trabalho em Educação: processos, olhares, práticas, pesquisas” (Pedro & João Editores, 2011).

Submetido em 09/2013 - aprovado em 10/2013